

**RE**ENCONTRO  
literatura

**Charles Dickens**

# **O Natal do avaro**

*Tradução e adaptação em português de*  
**Telma Guimarães Castro Andrade**

*Ilustrações de*  
**Renato Arlem**



**editora scipione**

Gerência editorial  
Sâmia Rios

Edição  
Ângelo Alexandref Stefanovits

Revisão  
Thiago Barbalho

Coordenação de arte  
Maria do Céu Pires Passuelo

Programação Visual de capa e miolo  
Didier D. C. Dias de Moraes

Diagramação  
Marcos Dorado dos Santos



editora scipione

---

Avenida das Nações Unidas, 7221  
Pinheiros  
CEP 05425-902 – São Paulo – SP

ATENDIMENTO AO CLIENTE  
Tel.: 4003-3061

www.scipione.com.br  
e-mail: atendimento@scipione.com.br

---

2015

ISBN 978-85-262-8388-6 – AL

ISBN 978-85-262-8389-3 – PR

CAE: 263491

Cód. do livro CL: 738025

3.<sup>a</sup> EDIÇÃO

4.<sup>a</sup> impressão

Impressão e acabamento



Ao comprar um livro, você remunera e reconhece o trabalho do autor e de muitos outros profissionais envolvidos na produção e comercialização das obras: editores, revisores, diagramadores, ilustradores, gráficos, divulgadores, distribuidores, livreiros, entre outros.

Ajude-nos a combater a cópia ilegal! Ela gera desemprego, prejudica a difusão da cultura e encarece os livros que você compra.



---

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Andrade, Telma Guimarães Castro, 1564-1616.

O Natal do avarento / Charles Dickens; adaptação em português de Telma Guimarães Castro Andrade. – São Paulo: S cipione, 1997. (Série Reencontro literatura)

1. Literatura infantojuvenil I. Dickens, Charles, 1812-1870 II. Título. III. Série.

00-1817

CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

- |                              |       |
|------------------------------|-------|
| 1. Literatura infantojuvenil | 028.5 |
| 2. Literatura juvenil        | 028.5 |



Este livro foi composto em ITC Stone Serif e Frutiger e impresso em papel Offset 75g/m<sup>2</sup>.

## SUMÁRIO

<i>Quem foi Charles Dickens?</i> . . . . .	5
Capítulo I – O sobrinho insistente. . . . .	8
Capítulo II – O espírito de Natal . . . . .	17
Capítulo III – Estranho reencontro . . . . .	23
Capítulo IV – Adeus, escola . . . . .	30
Capítulo V – Festa no armazém. . . . .	37
Capítulo VI – O brilho da cobiça . . . . .	44
Capítulo VII – Pudim de passas . . . . .	51
Capítulo VIII – Caricaturas e adivinhações . . .	68
Capítulo IX – Chance perdida . . . . .	77
Capítulo X – Homens e mulheres de negócios. .	80
Capítulo XI – Duas maneiras de morrer . . . . .	85
Capítulo XII – Feliz Natal, Sr. Scrooge. . . . .	93
<i>Quem é Telma Guimarães Castro Andrade?</i> . . . .	104



## QUEM FOI CHARLES DICKENS?

Lembre-se de Charles Dickens (Inglaterra, 1812-1870) sempre que você ligar a TV para assistir a um capítulo de novela: foi a partir do sucesso de seu *The Pickwick papers* (adaptado para a Série Reencontro com o título de *O Sr. Pickwick em flagrantes*) que essa forma seriada de contar histórias tornou-se mundialmente famosa. Isso aconteceu na Inglaterra, durante os anos de 1836 e 1837, quando pela primeira vez uma publicação atingiu a surpreendente tiragem de 40 000 exemplares.

A fórmula descoberta por Dickens transformou-se em modelo não só para outros escritores da época, mas para o próprio autor: seus romances foram todos editados na forma de folhetins, ou seja, em episódios, geralmente mensais. Como acontece com as novelas de televisão, cada capítulo tinha que conter ação, excitação e suspense suficientes para manter os leitores interessados no episódio seguinte. O “nível de audiência”, medido pelas vendas, tendia a ditar a futura ação a ser tomada.

Tal popularização da literatura não era apreciada pela crítica, que acusava Dickens de “fabricar entretenimento” e de ser “um homem que recebera pouca educação escrevendo para um público mais escassamente educado que ele”.

Na verdade o menino Charles não teve oportunidade de frequentar a escola por muito tempo. Filho mais velho de um escriturário que gastava muito mais do que suas posses o permitiam, aos doze anos foi obrigado a trabalhar numa fábrica de graxa para sapato. Seu pai acabou sendo preso por dívidas e toda a família, sem dinheiro sequer para pagar o aluguel, mudou-se para a prisão; exceto o pequeno Charles, porque ele tinha emprego e alojamento. O sentimento de abandono, a partir de então, nunca mais deixou o escritor, e a figura da

criança perdida, perseguida, abandonada, se tornou personagem central de muitas das suas obras, como *David Copperfield* e *Oliver Twist*.

Por natureza e por necessidade financeira, a capacidade de trabalho de Charles Dickens era assombrosa. Empregado de tabelião aos quinze anos, aprendeu estenografia. Um pouco mais tarde já trabalhava como repórter para revistas e jornais. Logo depois, sob o pseudônimo de *Boz*, publicava crônicas em que elementos reais e imaginários, fundidos humoristicamente, tornavam-no um jornalista cada vez mais apreciado. A reunião dessas crônicas deu origem à primeira obra de Dickens publicada em forma de livro: *Esboços de Boz*, em 1836.

Desde então até 1870, ano de sua morte, escreveu dezessete romances, inúmeros contos e poemas, criou e dirigiu jornais e revistas, produziu e escreveu peças teatrais e tornou-se internacionalmente famoso pelas leituras públicas que fazia de suas obras, momentos em que conseguia cativar e comover profundamente a plateia.

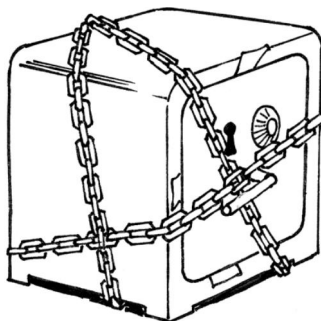
O público para quem Dickens escrevia adquirira conscientização política com as consequências negativas da Revolução Industrial: o êxodo rural, que sujeitava o trabalhador a baixos salários e a brutais condições de trabalho nas fábricas; a falta de representantes da classe operária no Parlamento; a profunda depressão econômica causada pela superprodução de mercadorias. Dickens, através dos seus escritos, deu grande publicidade aos abusos que se cometiam contra a população pobre da Inglaterra, por também ter sido vítima daquele sistema social opressivo. O professor vingativo, o patrão tirano, o menor abandonado, as leis injustas, a prisão por dívida, o frio, a fome, a doença faziam parte da vida de personagens e leitores.

Muitos desses elementos estão presentes em *O Natal do avarento* (*A Christmas carol*), o primeiro da série dos chamados “livros de Natal” de Dickens. Publicado em 1843, foi seguido

anualmente por inúmeras outras obras tematizando o Natal (com exceção do ano de 1847), até 1867. Vários desses livros alcançaram grande popularidade, mas *O Natal do avaro* supera a todos eles pela singeleza e densidade dramática com que propõe que o espírito de Natal prevaleça durante o ano inteiro.

Em conjunto, essa série constitui uma celebração do Natal que nenhum outro escritor realizou. A figura de Dickens se tornou a própria encarnação do Natal aos olhos de sua época, o que explica a decepção de uma fã quando soube de sua morte: “Dickens morreu? Então o Natal também vai morrer?”.

Dickens morreu repentinamente, aos cinquenta e oito anos, e foi enterrado na abadia de Westminster, por designação de sua mais nobre leitora, a rainha Vitória.



## Capítulo I

# O sobrinho insistente

**A** placa com o nome dos proprietários – “Scrooge & Marley” – ficava bem na frente do armazém. Suas letras forjadas em ferro dourado brilhavam quando o estabelecimento foi inaugurado, mas a ação do tempo escurecera-as pouco a pouco, até enegrecê-las totalmente.

Saía ano, entrava ano, e um dos proprietários, o velho e magro Ebenezer Scrooge, continuava no comando do negócio, vestindo o mesmo sobretudo de lã cinza puído nos cotovelos e uma desbotada echarpe xadrez, além de uma velha cartola empoeirada que ele deixava dependurada no cabideiro junto à porta da loja.

Scrooge era um avaro de corpo e alma. Seus olhos sem vida só adquiriam brilho quando ele contava as moedas no cofre, ao fim de um dia de trabalho, como



estava fazendo agora. Divertia-se com elas feito criança com um brinquedo novo e cantarolava baixinho, com voz esganiçada: “Isto é música para os meus ouvidos”.

Trazia as moedas para perto dos olhos, conferindo o valor de cada uma, e depois pousava-as com carinho na palma da mão. Então, com as mãos em concha, juntava-as sobre o peito, ninando-as como se fossem bebês. “Ah, minhas pequeninas! Como eu amo vocês! São as minhas únicas amigas, o tesouro da minha vida!”, derretia-se o velho ganancioso, solitário como uma ostra, coração duro como o aço.

Durante esse ritual, Scrooge espirrou e assoou o nariz com um lenço encardido que trazia no bolso. Nele, as suas iniciais já amareladas pelo tempo... “Droga de frio... Só faz piorar meu resfriado!”, resmungou.

Scrooge se enganava. O frio não estava no ambiente externo. O frio morava dentro dele e congelava suas feições, acinzentava a extremidade do seu nariz pontiagudo, contraía e enrugava seu rosto, enrijecia seu andar, avermelhava seus olhos, tornava azuis seus lábios finos, esganiçava sua voz áspera. Tudo nele parecia ter sido talhado em gelo: a cabeça, as sobranceiras, as costeletas enormes, a boca e o queixo proeminente. Scrooge não podia culpar nem o resfriado nem a baixa temperatura... Ele carregava o frio dentro de si e distribuía punhados de granizo aos que estavam à sua volta. Mantinha o seu escritório congelado, zelando para que a temperatura nunca se elevasse e derretesse o grande gelo de sua alma...

Nada parecia afetá-lo... Ele não melhorava com a chegada da primavera ou do verão. Nem mesmo na época do Natal. Calor algum aquecia aquele coração insensível, vento nenhum era mais cortante que sua voz, nem mesmo a neve era tão fria quanto os seus sentimentos.

Ninguém jamais parou o velho avarento na rua para convidá-lo a sua casa: “Como vai, caro Scrooge? Quando é que você vem me visitar?”; nenhum mendigo ousou implorar por esmola, e as crianças temiam até lhe perguntar as horas. Ao passarem por ele, as pessoas sentiam um arrepio pelo corpo, mesmo se fosse verão.

As jovens se desviavam dele e apressavam o passo, ainda que não conhecessem o caminho. “Prefiro ficar perdida nesse bairro a pedir informações a esse velho ruim!”

Até os cães que serviam de guia aos cegos pareciam temer o avarento e, abanando a cauda, tratavam de arrastar seus donos para dentro de casa. Era como se dissessem: “Patrãozinho, é preferível não enxergar nada a ver um espírito do mal”.

Ah, mas Scrooge nem ligava! Ele até achava ótimo que as pessoas o evitassem, assim ninguém lhe pediria favores ou dinheiro emprestado.

“Ele é louco!”, exclamavam todos à sua passagem.

\*\*\*

Naquele dia, Scrooge chegou cedo ao escritório, como sempre. Estava muito frio, por isso resolveu permanecer com o único par de luvas de lã que possuía. Geralmente costumava guardá-las na gaveta da escrivaninha, para que não se deteriorassem com o uso. Elas estavam durando bastante. Era preciso poupá-las, para que durassem ainda mais...

O ambiente empoeirado causou-lhe um espirro, e ele procurou seu outro lenço. “Onde o guardei? Talvez na gaveta da escrivaninha”, pensou. Tirou um molho de chaves do bolso da calça e abriu as gavetas da grande escrivaninha de mogno. Nada. Talvez no cofre. Olhou em